

Maternidade e criação artística

Thais Grechi/Divulgação



Pesquisa sobre mulheres artistas vira espetáculo com final diferente em cada apresentação

Quando uma mulher artista se torna mãe, o que acontece com seu trabalho? A pergunta que move a pesquisa acadêmica de Julia Lindenberg agora ganha corpo no palco do Sesc Tijuca. “Ainda Vou Sonhar Tudo de Novo”, espetáculo que a atriz protagoniza com direção de Liliâne Rovaris e propõe uma experiência cênica na qual cada apresentação tem

um segundo ato diferente, com uma atriz convidada que amplia o debate sobre maternidade a partir de vivências distintas.

A montagem parte de um dado concreto que atravessa o campo das artes. Muitas artistas já mantêm outra profissão para sustentar sua produção criativa. Quando a maternidade se soma a essa realidade, instala-se frequentemente uma tripla jornada de trabalho — cuidado, renda, criação — que impacta dire-

Julia Lindenberg promove uma reflexão que mexe com a vida da mulher artista

tamente a continuidade do trabalho artístico. Lindenberg investigou essa questão através de relatos autobiográficos, entrevistas com outras mulheres e referências de pensadoras feministas como Vera Iaconelli, Sílvia Federici, Lina Meruane e Virginia Woolf. O resultado é um trabalho que parte de uma experiência

peçoal para discutir uma questão estrutural e real no campo das artes.

Na cena, a protagonista é uma mulher de 41 anos que acredita estar grávida, mas não tem coragem de abrir o exame que confirmaria — ou não — a suspeita. No mesmo dia, despede-se da avó, que viveu 101 anos. Enquanto lida com o luto e as memórias familiares, surgem dois dilemas que atravessam sua vida: a possibilidade de uma nova maternidade e os caminhos de seu trabalho

artístico. É uma travessia entre lembranças íntimas e reflexões políticas, imersas na própria confusão.

O espetáculo se divide em dois momentos. O primeiro é um monólogo que costura experiências pessoais a vivências de mulheres de várias gerações. No segundo ato, Julia recebe uma atriz diferente a cada sessão para um encontro que cria um espaço de diálogo vivo entre as artistas. Participam desta temporada Marcia Torres, Tássia Leite, Maria Lucas, Moira Braga, Mariana Menezes, Yohama Eshima, Isabelle Nassar, Estrela Straus, Talita Baldin, Gabriela Checchia, Miwa Yanagizawa, Helena Varvaki, Tainá Bevilacqua, Ilunga Malanda, Carolina Ferman e Liliâne Rovaris. Cada apresentação tem, assim, um desfecho único — o que transforma a experiência de ir ao teatro em algo próximo ao encontro, onde o diálogo entre as artistas redefine a narrativa a cada noite.

A pesquisa que fundamenta a peça questiona quais estruturas de acolhimento e suporte existem — ou faltam — para mulheres artistas que são mães. Não é apenas uma reflexão teórica: é uma investigação sobre as condições materiais de permanência no campo das artes, um tema que ganha urgência em um contexto onde a precariedade é regra para a maioria dos criadores.

SERVIÇO

AINDA VOU SONHAR TUDO DE NOVO

(Teatro 2 do Sesc Tijuca — Rua Barão de Mesquita, 539)

Até 19/4, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 21 (associado Sesc), R\$ 27 (convênios) e gratuito (PCG)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Pedro Miceli/Divulgação



Heranças paternas

Os comediantes Bruno Mazzeo e Lucio Mauro Filho juntam memórias em “Gostava Mais Dos Pais” no Teatro Riachuelo Rio até domingo (5). O espetáculo aborda temas contemporâneos como humor, era digital e cultura do cancelamento. Os atores interpretam múltiplos personagens, explorando a busca por relevância e identidade na era digital, além de homenagear Chico Anysio e Lucio Mauro. A peça reflete sobre o peso da herança paterna sobre seus descendentes e a instantaneidade das viralizações.

Vera Donato/Divulgação



A entrevista decisiva

Rosamaria Murtinho está em “Uma Vida Em Cores” no Teatro I Love Prio. Em cartaz até domingo (5), o espetáculo retrata uma personagem inspirada em Iris Apfel. Em cena, o encontro entre uma mulher experiente, irreverente e cheia de histórias para contar — inspirada em Iris — e uma jovem jornalista, estagiária da Vogue americana, que recebe a missão de entrevistá-la. A matéria é um teste decisivo: dela depende a chance de conquistar um estágio e, quem sabe, dar os primeiros passos rumo ao sonho de se tornar editora da revista.

João Júlio Mello/Divulgação



Ter ou não ter (filhos)?

A tragicomédia “Pulmões”, de Duncan Macmillan, pode ser vista até domingo (5), quando encerra temporada no Teatro Fashion Mall. Com direção de Miwa Yanagizawa e adaptação de Diego Teza, a peça aborda o dilema de um casal que se pergunta se são pessoas boas o suficiente para terem filhos. Avaliam as próprias (segundo eles) qualidades: têm uma vida simples, gastam dinheiro com assinaturas de streaming, aluguel, fazem doações, votam, vão a manifestações, assistem filmes, reciclam e levam sacola retornável. Seria o suficiente?